

ENTREVISTA

Maria da Paz

Dona de uma voz soprano muito aplaudida por onde se apresenta, Maria da Paz, uma assídua aluna do Programa de Extensão para a Terceira Idade da UESC desde 1998, concedeu esta entrevista à Revista Memorialidades contando um pouco da sua experiência de vida.



Revista: Para início de conversa, gostaria de saber um pouco mais sobre suas origens, sua infância, sua juventude.

Da Paz: Eu me chamo Maria da Paz Jambeiro da Costa, Maria da Paz em homenagem a Nossa Senhora da Paz, porque nasci no dia consagrado a ela. Jambeiro, sobrenome materno; Costa, sobrenome paterno. Nasci em 24 de janeiro, sou aquariana. Nasci em Palestina, distrito de Itabuna, hoje Ibicaraí. Meus pais vieram da cidade de Senhor do Bonfim (Vila Nova da Rainha). Nessas três cidades passei minha infância e juventude. Itabuna é onde resido desde a década de 50. Minha mãe chamava-se Elvira Jambeiro (Amgelim) da Costa e meu pai José Pereira da Costa, escri-

tor do livro "Lembranças do passado – História da região cacaveira", lançado na reitoria da Universidade Federal da Bahia, em comemoração aos 50 anos da UFBA, com a participação da Fundação Cultural do Estado da Bahia. Tenho cinco irmãos vivos e uma que já se foi; um casal de filhos legítimos e um de criação, uma neta e outra chegando, três afilhados (netos) e um deles, bisneto.

Revista: Que pessoas, em especial, marcaram a sua vida?

Da Paz: Dona Maria Salgado, minha parteira; Drs. Henrique Sampaio e Ademar, meus parteiros; Aspásia Berbert Hage, minha mãe de leite; João Nascimento Silva e Edite Badaró Silva, meus

padrinhos; Maria Helena de Jesus, minha bá e segunda mãe; Dona Inês (Nenem) Jambeiro Amgelim, minha avó; Professor Otávio Monteiro (padre), meu primeiro professor; professoras Albertina Barbosa, Helena Borborema, Dr. Noronha, Amália Nunes Macêdo, Irmã Flávia e Zélia Oliveira Lessa; minha família; Dr. Gil (Anália) Nunes Maia, a quem acompanhei e que me introduziram no trabalho da educação municipal de Itabuna.

Revista: Que mais gostava de fazer, quando jovem? E hoje, em que ocupa seu tempo livre?

Da Paz: Ler, hábito começado na biblioteca de minha avó Inês, autores nacionais e estrangeiros; cantar, porque sem falsa modéstia tenho uma bela voz de soprano. Na época de jovem me foi permitido participar do coral de cantores Orfeu, dirigido pela professora Zélia Oliveira Lessa, do qual até hoje participo; viajar, condição dada pelo meu pai, que nos levou a conhecer outros locais, além dos já citados. Hoje, essas três opções me acompanham: gosto de ler, cantar e viajar e ocupo meu tempo com elas, além de um pouco de jardinagem.

Revista: Fale-nos um pouco sobre seu envolvimento com a educação: quando, como, que motivos a levaram a esse envolvimento...

Da Paz: Em 1956, havendo terminado o curso de professora primária no Colégio Divina Providência, único então a formar professores no município (que compreendia os distritos de Itapé, Itajú do Colônia, Buerarema, Jussari, Mutuns e Ferradas, além do distrito sede), comecei a trabalhar no colégio Gato de Botas, fundado pela Profa. Rita de Almeida Fontes. Pouco tempo depois fui contratada (mediante portaria) como substituta da professora Risoleta Oliveira, uma das que compunha o quadro de professores do município de Itabuna - na época apenas dez regentes leigos, dirigidos por uma fiscal de ensino, a Profa. Maria Silvia de Queiroz Sampaio - . Não era nem 1957, portanto, quando entramos na Rede Pública Municipal. Vale aqui ressaltar que além dos dez regentes leigos, que representavam o quadro de professores, havia um número relativamente grande de regentes contratados verbalmente para ensinar na sede e distritos. A nossa entrada na Rede Municipal, portanto, a entrada de professores diplomados na Rede Municipal, representou a quebra de um tabu; professor diplomado era privilégio, até então, da Rede Pública estadual de Itabuna. Dr. Gil Nunes Maia, nomeado diretor do DECAS (Departamento de Educação, Cultura e Assistência Social do Município de Itabuna), em contato com a Superintendência do Ensino Privado, então dirigida pelo professor José Francisco de Sá Teles, e o Serviço Federal das Missões Rurais, dirigido na Bahia pelo

Dr. Luís Rogério, me influenciaram, e também Wilma da Costa Pimenta - isto já em fins de 1957 e início de 1958 - a fazer o segundo curso de Supervisores e Orientadores do Ensino na Bahia. Esse curso, específico para professores da Rede Estadual, era oferecido em Regime Integral (internato), avaliado diária e semanalmente com provas orais e escritas. Aprovadas, tornamo-nos as primeiras orientadoras de ensino do município de Itabuna (mediante decreto). De volta de Santo Amaro da Purificação - onde foi realizado o concurso - recebi do Ministério da Educação e Cultura do Brasil um curso de Educação Física por correspondência e mediante autorização do próprio MEC fui nomeada a primeira professora de Educação Física do Colégio Estadual de Itabuna, recém fundado. Fui, portanto, uma das professoras fundadoras do primeiro colégio secundário público de Itabuna. Em 1958, ao concluir o curso de suficiência pelo Ministério da Educação e Cultura, em parceria com o município de Itabuna e da Ação Fraternal de Itabuna (através de sua fundadora, dona Amélia Tavares Amado) e aprovada mediante avaliações, recebi o registro definitivo de professora de Geografia, disciplina que lecionei no ginásio e no colegial.

“Fui nomeada a primeira professora de Educação Física do Colégio Estadual de Itabuna recém fundado...”

Dr. Luís Rogério, me influenciaram, e também Wilma da Costa Pimenta - isto já em fins de 1957 e início de 1958 - a fazer o segundo curso de Supervisores e Orientadores do Ensino na Bahia. Esse curso, específico para professores da Rede Estadual, era oferecido em Regime Integral (internato), avaliado diária e semanalmente com provas orais e escritas. Aprovadas, tornamo-nos as primeiras orientadoras de ensino do município de Itabuna (mediante decreto). De volta de Santo Amaro da Purificação - onde foi realizado o concurso - recebi do Ministério da Educação e Cultura do Brasil um curso de Educação Física por correspondência e mediante autorização do próprio MEC fui nomeada a primeira professora de Educação Física do Colégio Estadual de Itabuna, recém fundado. Fui, portanto, uma das professoras fundadoras do primeiro colégio secundário público de Itabuna. Em 1958, ao concluir o curso de suficiência pelo Ministério da Educação e Cultura, em parceria com o município de Itabuna e da Ação Fraternal de Itabuna (através de sua fundadora, dona Amélia Tavares Amado) e aprovada mediante avaliações, recebi o registro definitivo de professora de Geografia, disciplina que lecionei no ginásio e no colegial.

O DECAS já era Secretaria de Educação de Itabuna e o professorado leigo concluía o ensino supletivo (artigo 99) e entrava nos cursos de magistério dos colégios Firmino Alves, Estadual e Instituto Municipal de Itabuna. Os professores Fábio Dantas e Pe. Nestor Carlos Passos Mendes da Silva - secretários de Educação substitutos do Dr. Gil Nunes Maia - e o professor Manuel Simeão da Silva, um dos professores licenciados pela UFBA, foram trazidos nos anos ses-

enta por D. Amélia Amado, fundadora da FAFI (Faculdade de Filosofia de Itabuna) ligada à Ação Fraternal. Sou da terceira turma desta escola, licenciada em Pedagogia em 1966. Durante o curso fui presidente e vice presidente do diretório acadêmico trabalhando, dentre outras coisas, para o reconhecimento dessa escola de ensino superior e no combate ao trote - essa aberração acadêmica - . Eram prefeitos na época, o Sr. José de Almeida Alcântara e o Dr. Félix Mendonça. Quando Dr. Gil Nunes Maia sai da diretoria do IMEI, quem o substitui foi a Profa. Helenita Maria de Carvalho.

O ensino primário passava ao estágio de escolas agrupadas, não mais isoladas. Eram selecionadas classes para alfabetização, precedidas por períodos preparatórios, fazia-se planejamento escolar e

O ensino primário passava ao estágio de escolas agrupadas, não mais isoladas. Eram selecionadas classes para alfabetização, precedidas por períodos preparatórios, fazia-se planejamento escolar e

levantamento estatístico de aprovação, evasão e repetência. O ensino municipal passou de discriminado a ser considerado de boa qualidade. Ao deixar a direção da faculdade, Dr. Gil Nunes funda ainda um outro colégio, o Supletivo, e se torna também o seu diretor.

Saí da Secretaria de Educação para os cursos de Magistério do Colégio de Itabuna e Instituto Municipal de Itabuna; após concluir a pós-graduação em Metodologia pela UFBA, torno-me professora de metodologia e prática de ensino dos dois colégios citados, ambos públicos, função em que me aposentei, sendo que durante o meu trabalho docente fui ainda coordenadora de ensino e de área, diretora de departamento e coordenadora do Centro Cívico Marechal Rondon, do Colégio Estadual de Itabuna.

Revista: Se você pudesse voltar no tempo, o que mudaria em sua vida profissional?

Da Paz: Certamente eu me daria a oportunidade de investir em música. Fui aluna dos seminários livres de música da UFBA, departamento de Itabuna, e tive como matéria principal canto. Esta carreira foi substituída pelo trabalho de educação no município de Itabuna. Talvez

vivesse uma experiência política da qual me afastei.

Revista: Como uma pessoa envolvida e preocupada com a educação, como você vê a educação no município de Itabuna, hoje?

Da Paz: Vejo um ensino que para atingir a universidade precisa de cursinho pré-vestibular; vejo alunos fazendo pes-

quisa sem uso de bibliografia; vejo professores discutindo política partidária sem discutir políticas públicas de administração e melhoria do ensino; vejo a comunidade, os pais e as famílias

alheios ao trabalho de ensino. Quantos sonhos tivemos? E eu me pergunto: para onde foram?

Revista: Na condição de aluna da FAFI (antiga Fespi), hoje aluna da UESC nos cursos de extensão para a terceira idade, como você analisa a Universidade, hoje?

Da Paz: Acredito que existem alguns cérebros trabalhando nesta escola. Ela mudou para melhor em seu aspecto físico, cresceu do ponto de vista de opções, incentiva programas inovadores - como o dos cursos para a terceira idade, tão bem propostos pela professora

“Certamente me daria a oportunidade de investir em música(...) talvez vivesse uma experiência política da qual me afastei.”

Raimunda Alencar. Creio, porém, que ela tem sido atrasada em seu caminho por coisas que a prendem ao passado e que dificultam a implantação de programas modernos.

Revista: O que você diria para quem está iniciando a carreira profissional como educador?

Da Paz: Que seu trabalho seja uma missão porque em suas mãos está a melhoria das condições de vida da humanidade.

Revista: Como você vê a sua juventude comparada com a de hoje? O que mudou?

Da Paz: Vejo pessoas usando termos em inglês para as coisas mais banais - e cujo significado não sei se está bem claro para elas - desde a utilização de serviços de banco, até as músicas cantaroladas, os hábitos de se vestirem e de se alimentarem; sinto que essa juventude está ficando surda, pelo volume em que ouvem música quando carros de pas-

seio competem com trios elétricos! Vejo pessoas que não têm experiência e não têm quem lhas dê; a mulher está mais escrava do que nunca - isto que me assusta porque a nossa geração brigou para ter vez e voz e para competir em igualdade de condições; apesar de toda repressão do mundo minha geração sonhava.

Revista: Você acha que a religião exerce algum papel na vida do homem? Por quê? E que papel seria esse?

Da Paz: Sim. O papel é religar o homem ao seu Criador através do amor, do sentimento e da fé que nos faz chegar ao poder.



Revista: Como essa entrevista é para o primeiro número da Revista Memorialidades da UESC, direcionada para questões do envelhecimento e da velhice, como a sociedade vê a velhice, na sua opinião?

Da Paz: A não ser em alguns casos isolados, na família, em comunidades religiosas ou grupos, hoje a sociedade nem vê a velhice, e se vê não demonstra por atos; ao que parece, não está pensando sobre isso.

Revista: Sendo você uma professora aposentada, como é ser aposentada e viver da aposentadoria no Brasil?

Da Paz: Uma coisa preocupante é essa situação; se continuarmos como vamos, o fim desse sistema se delinea no horizonte. O que vai substituí-lo, não sabemos.

Revista: Como moradora do município de Itabuna há tanto tempo, como você apresentaria a cidade a alguém que não a conhece?

Da Paz: Itabuna é uma mulher, jovem, bonita, poderosa, empreendedora e rica que no presente se esquece do seu passado e nem se lembra de que no futuro envelhecerá.

Revista: Quem é Maria da Paz Jambeiro?

Da Paz: Longinqüamente, uma descendente de judeus, portugueses, índios, ciganos, terreiros de candomblé e de brancos... uma mestiça brasileira; que crê em Deus, e nos seus emissários e O considera seu maior Amigo, d'Ele recebendo proteção comprovada em várias ocasiões; que fez muito bem feito o seu trabalho de professora, de líder, de filha, de mãe, de amiga... Entendo que a região cacaveira da Bahia é uma dádiva de Deus e o homem desta região precisa entender isso; e que Itabuna terá num futuro bem próximo um papel a desempenhar, o que a fará acordar - aí eu me sentirei feliz por tudo o que um dia ajudei a construir.